LUMEN ET VIRTUS

Absenteísmo e evasão na enfermagem: Estratégias de aperfeiçoamento direcionadas ao ensino superior

https://doi.org/10.56238/levv15n39-177

Sara Viviane Almeida de Oliveira
Graduanda em Enfermagem
Universidade Federal do Maranhão, Pinheiro, Maranhão, Brasil
E-mail: sara.viviane@discente.ufma.br

Rarielle Rodrigues Lima
Doutora em Ciências Sociais
Universidade Federal do Maranhão, Pinheiro, Maranhão, Brasil.

Joelma Veras da Silva
Doutoranda em Saúde da Família
Universidade Estácio de Sá, UNESA, Maranhão, Brasil.

Marisa Cristina Aranha Batista
Doutora em Biotecnologia
Rede de Biodiversidade, BIONORTE, Maranhão, Brasil

Julianne de Area Leão Pereira da Silva
Mestre em Saúde do adulto
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Rayanne Aguiar Alves
Bacharel em Enfermagem
Universidade Federal do Maranhão, Pinheiro, Maranhão, Brasil

Hermaiza Angélica do Bonfim Loiola
Mestrado em Enfermagem
Universidade Federal do Maranhão, Brasil, Brasil

Pollyana dos Santos Lindoso
Graduada em Fonoaudiologia
Centro Universitário do Maranhão, Brasil.

Ana Caroline Moreira Hortegal
Graduanda em Enfermagem
Mestranda em Ciências da Saúde Universidade UNOESTE

Fabiana da Ascenção Monteiro Ferreira
Bacharel em Enfermagem
Mestrado em Meio Ambiente Universidade Federal do Maranhão

RESUMO
O absenteísmo e a evasão na enfermagem são fenômenos que afetam a qualidade e a eficiência dos serviços de saúde, bem como a formação e a satisfação dos acadêmicos e profissionais da área. Deste modo, o presente artigo compromete-se a analisar as causas e consequências de ambas as mazelas – recorrentes durante a graduação –, além de propor vias de aperfeiçoamento voltadas ao ensino superior. Por conseguinte, o presente escrito objetiva sanar tais obstáculos fomentando a evolução da enfermagem enquanto categoria. Para tanto, foi realizada uma revisão integrativa de periódicos científicos – publicados nos últimos 10 anos – que abordaram o tema sob diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Os resultados indicaram que tanto o absenteísmo quanto a evasão durante o curso de enfermagem estão relacionados a fatores individuais, organizacionais e sociais que interferem na saúde, produtividade e bem-estar de todo o corpo acadêmico. Dentre estes coeficientes, destacam-se, em minúcias, a falta de reconhecimento, a sobrecarga de trabalho, o estresse, a baixa remuneração, a insatisfação, falta de apoio e de orientação, a inadequação curricular e a dificuldade de inserção no mercado de trabalho. É precisamente diante de tal cenário que a pesquisa atual sugere algumas propostas estratégicas de lapidação para o ensino superior na enfermagem, tais como: a revisão e atualização dos currículos, a adoção de metodologias ativas de ensino-aprendizagem, a valorização e capacitação dos docentes, a promoção da saúde dos estudantes e funcionários, a integração entre teoria e prática, a articulação entre academia e mundo laboral e, nomeadamente, a ampliação das oportunidades de emprego e carreira. Logo, o artigo conclui que estas propostas seriam capazes de contribuir para a mitigação dos problemas diagnosticados – e, ainda, para o progresso da excelência educacional na enfermagem, bem como da assistência em saúde.

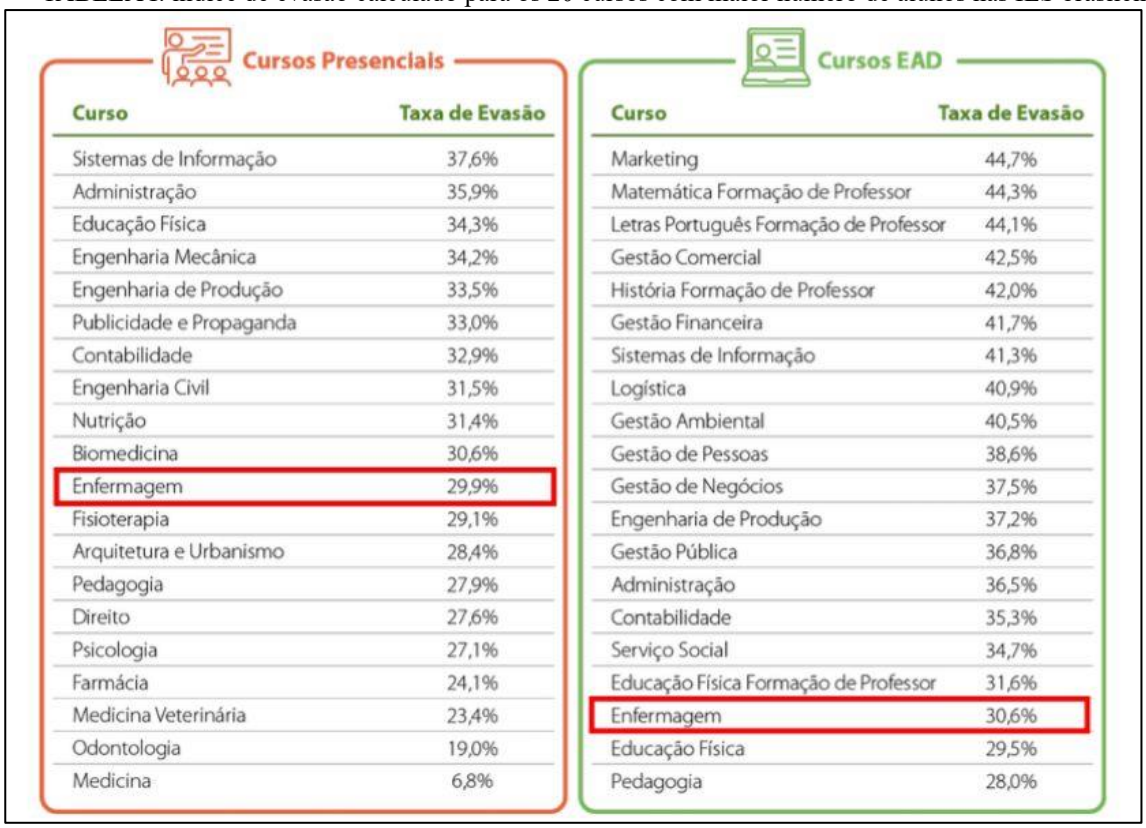
Palavras-chave: Enfermagem, Absenteísmo, Evasão, Desafios, Educação, Saúde.

1 INTRODUÇÃO

A enfermagem é uma área da saúde que exige um alto nível de qualificação e comprometimento. No entanto, a taxa de absenteísmo e evasão nos cursos de graduação é um problema que vem preocupando as Instituições de Ensino Superior (IES).

De acordo com Rodrigues et al. (2020), o absenteísmo é definido como a ausência do educando às aulas, atividades extracurriculares ou estágios – sem justificativa. Já a evasão é a desistência do aluno do curso antes da conclusão.

TABELA I: índice de evasão calculado para os 20 cursos com maior número de alunos nas IES brasileiras.



Cursos Presenciais

Curso	Taxa de Evasão
Sistemas de Informação	37,6%
Administração	35,9%
Educação Física	34,3%
Engenharia Mecânica	34,2%
Engenharia de Produção	33,5%
Publicidade e Propaganda	33,0%
Contabilidade	32,9%
Engenharia Civil	31,5%
Nutrição	31,4%
Biomedicina	30,6%
Enfermagem	29,9%
Fisioterapia	29,1%
Arquitetura e Urbanismo	28,4%
Pedagogia	27,9%
Direito	27,6%
Psicologia	27,1%
Farmácia	24,1%
Medicina Veterinária	23,4%
Odontologia	19,0%
Medicina	6,8%

Cursos EAD

Curso	Taxa de Evasão
Marketing	44,7%
Matemática Formação de Professor	44,3%
Letras Português Formação de Professor	44,1%
Gestão Comercial	42,5%
História Formação de Professor	42,0%
Gestão Financeira	41,7%
Sistemas de Informação	41,3%
Logística	40,9%
Gestão Ambiental	40,5%
Gestão de Pessoas	38,6%
Gestão de Negócios	37,5%
Engenharia de Produção	37,2%
Gestão Pública	36,8%
Administração	36,5%
Contabilidade	35,3%
Serviço Social	34,7%
Educação Física Formação de Professor	31,6%
Enfermagem	30,6%
Educação Física	29,5%
Pedagogia	28,0%

FONTE: Instituto Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação (SEMESP) – adaptado, 2019.

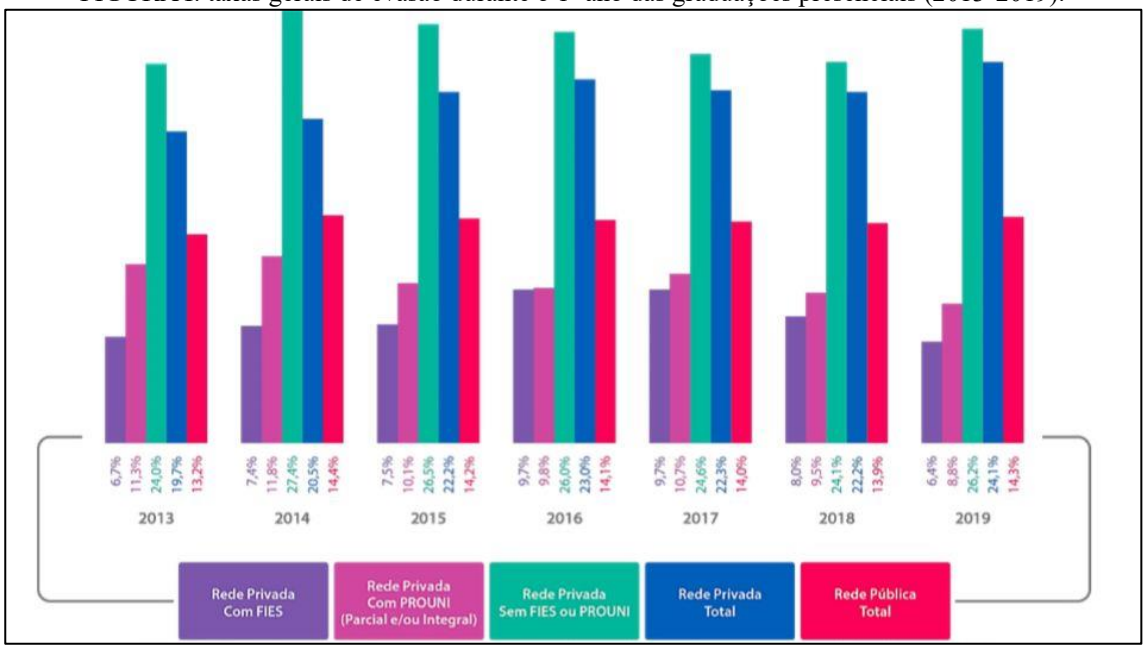
Os autores apontam, em suma, que estas duas mazelas podem ter diversas razões, como:

- Fatores pessoais: contratempos financeiros, de saúde ou familiares;
- Fatores acadêmicos: dificuldades na aprendizagem, falta de motivação ou incompatibilidade entre a carga horária do curso e o trabalho;
- Fatores institucionais: falta de infraestrutura ou de apoio psicopedagógico, bem como modelos de ensino anacrônicos e distantes da realidade estudantil.

Conforme Santos et al. (2022), as consequências destes problemas são críticas. Para as IES, podem levar à redução ou prejuízos na receita, à perda de credibilidade e à dificuldade de formar profissionais qualificados. Para os estudantes, podem resultar em atrasos na formação, 2 redução de

oportunidades de emprego e até mesmo abandono da profissão.

FIGURA I: taxas gerais de evasão durante o 1º ano das graduações presenciais (2013-2019).



FONTE: Instituto SEMESP, 2019.

Embora, percentual e comparativamente, tais dados pareçam ínfimos para a enfermagem, em termos absolutos são inquietantes, pois representam um desperdício de recursos, além de comprometerem a qualidade da assistência à saúde. Logo, o desenvolvimento de metodologias de aperfeiçoamento é, notoriamente, um desafio urgente que requer a contribuição de todos os atores envolvidos no processo de formação do futuro profissional. Neste contexto, precisamente, é que denota-se: tanto a evasão como o absenteísmo, ainda durante a formação, são problemas relevantes para o ensino superior – e mesmo para a coletividade como um todo. Ora: a enfermagem constitui um campo do conhecimento que exige um alto nível de comprometimento. Portanto, a mitigação das retromencionadas barreiras fazse essencial para garantir a qualidade da instrução proporcionada. E, outrossim, para suprir adequadamente às necessidades da população a ser assistida – cuja demanda é deveras elevada.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Afirmava o poeta lusitano Fernando Pessoa em sua obra "Livro do desassossego" (1934) que o mundo é de quem não sente; […] a condição essencial para se ser um homem prático é a ausência de sensibilidade. Todavia, a enfermagem, enquanto arte-ciência do cuidar – e caracteristicamente generosa em humanidade –, remansosamente vai em sentido contrário ao da maré, resistindo em insensibilizar-se perante a dor. Neste sentido, ainda durante a formação, não seria aceitável que nenhum cidadão ficasse para trás nesta corrida.

Por conseguinte, o absenteísmo na carreira, drama pungente sobre o qual longamente versamos

acerca e que afeta a qualidade do apoio prestado aos pacientes, a saúde dos enfermeiros educandos e o valor dos serviços de saúde define-se como ausência não programada ao local de estudo por motivos diversos. Reiteramos aqui: como por doenças, acidentes, licenças, faltas e atrasos (Barboza et al., 2010). Tais faltas recorrentes podem engendrar sobrecarga de trabalho, estresse, insatisfação, desmotivação e baixo desempenho dos envolvidos, comprometendo o processo de cuidar e o desempenho de todos os membros da equipe de enfermagem (Bacan; Martins; Santos, 2020).

TABELA III – NOTA: o motivo mais comum para as ausências injustificadas é a insatisfação com os estudos, seguido de problemas de saúde e falta de oportunidades de desenvolvimento profissional.

TIPOS DE ABSENTEÍSMO	FREQUÊNCIA RELATIVA (%)
Justificado	80%
Injustificado	20%
TOTAL: 100%	

FONTE: Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) – adaptado, 2022.

Já a evasão neste campo, por seu turno, é outro fenômeno adjacente que preocupa as instituições de ensino superior, pois representa a desistência do acadêmico de enfermagem de concluir o curso de graduação. Estas agruras são deletérias, nomeadamente, para o aluno, que não conclui sua formação profissional – e, não obstante, para a instituição, que não atinge os objetivos que lhes foram imbuídos. Neste sentido, a própria comunidade é prejudicada ao não contar com os profissionais devidamente habilitados para atender às suas necessidades em termos de saúde e, também, com o déficit de pessoal (Silva; Padilha; Borenstein, 2008).

2.1 FALANDO DE GÊNERO

A enfermagem é uma profissão fundada e historicamente marcada pelo protagonismo feminino – no entanto, sendo não raramente ainda enxergada nos dias hodiernos como atividade que envolve submissão hierárquica e autonomia reduzida (fatos estes vinculados a papéis sociais atribuídos às mulheres ao longo do tempo). Tal panorama gera estereótipos negativos e a desvalorização errônea da categoria, restringindo as possibilidades de atuação digna e reconhecimento das enfermeiras e enfermeiros. Ademais, mulheres podem enfrentar consideráveis dificuldades para conciliar estudos e trabalho, vivenciar incompatibilidades entre faculdade e a instituição do casamento ou responsabilidades familiares (cuidados dedicados a parentes, idosos, menores de idade, debilitados e à própria casa). Outras questões em debate são a maior suscetibilidade feminina à instabilidade ou dependência financeira de terceiros, bem como cólicas menstruais dolorosas mensais, eventuais gestações ou incompreensões relativas ao climatério (Monteiro et al., 2021). Sofrendo o gênero, assim, maior sobrecarga e estresse biopsicossocial que podem mesmo comprometer a sua saúde, tornam-se o absenteísmo e evasão – por conseguinte – mais frequentes entre elas.

2.2 PERCEPÇÕES SOBRE O TEMPO

Algo a se destacar, também, é que os educandos da enfermagem mais jovem podem ter menos experiência de vida ou mais inseguranças ao lidar com os múltiplos desafios da graduação enquanto processo normativo. Estando ainda bastante ligados ao universo do grupo familiar de origem (parentes, amigos, vizinhos) e aos dilemas do recente ingresso na vida adulta, podem apresentar dificuldades na adaptação social ao novo meio (acadêmico) – que dificultam a criação de vínculos estáveis, bem como sua permanência ali.

Por outra via, é imprescindível versar ainda sobre o etarismo – o outro lado da moeda que apresenta-se como uma forma de discriminação baseada na idade (Goldani, 2010). Este fenômeno pode induzir a preconceitos velados com diferentes faixas etárias, acarretando expectativas irreais sobre o desempenho acadêmico. Por exemplo: alunos de enfermagem mais jovens podem ser vistos como imaturos por seus superiores, havendo subestimação de performance. E, sob esta ótica, como numa estrada de mão dupla, o etarismo pode afetar negativamente outrossim a motivação dos mais velhos, levando a uma incompreensão por parte de colegas e da própria comunidade – que, em geral, não veem a universidade como "o lugar natural" dos mais avançadas em anos. Não obstante, a literatura sugere que a faixa etária pode ser um coeficiente relevante da evasão, com discentes mais velhos tendo maior propensão a abandonar o curso por falta de apoio multidisciplinar adequado.

2.3 LIDANDO COM AS DEFICIÊNCIAS E O CAPACITISMO

Graduandos da enfermagem podem vivenciar estes fenômenos de diferentes formas, tanto como vítimas quanto como agentes. No primeiro caso, sofrem estigma por terem alguma deficiência – ou exclusão social por escolherem uma profissão que cuida de cidadãos com necessidades especiais (supostamente enxergados como "fracos" ou "indesejáveis"). Como agentes, os alunos do curso podem, negativamente, reproduzir comportamentos desumanos contra os portadores com os quais convivem – seja por falta de informação, sensibilidade ou de empatia. De que maneira lidamos com as diferenças? Afirmava, neste sentido, o autor Paulo Freire (1987): "quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser opressor".

Ou seja, as supracitadas mazelas ampliam o rol de contribuições para o absenteísmo e a evasão no ambiente universitário de duas formas centrais: pela rejeição externa ou autorejeição. Uma ocorre quando os educandos deficientessão alvo de preconceitos, insensibilidade ou indiferença oriunda de seus colegas, tutores, funcionários da instituição ou pacientes devido à sua condição clínica – ou mesmo escolha profissional. Já a auto-rejeição acontece quando os próprios discentes passam a introjetar o sentimento de inferioridade, julgando a si mesmos culpados ou até meritórios de vergonha em razão da deficiência ou campo de atuação. Frisando sempre que, nomeadamente no concernente às enfermidades psíquicas, ainda existem grandes tabus sociais a serem debatidos, visto que doenças deste

campo nem sempre são aparentes, a despeito de sua complexidade (Silva; Oliveira, 2010).

Para combater tais formas de exclusão, é preciso promover uma educação inclusiva, que respeite e valorize a diversidade e a singularidade de cada pessoa. É, outrossim, imprescindível conscientizar a comunidade acadêmica da enfermagem sobre o óbice análogo do capacitismo: a intolerância contra pessoas com deficiência ao considerá-las inferiores ou inaptas à participação plena e integrada na vida em sociedade (Gomes, 2019). Pode este apresentar-se de diversas maneiras – desde atitudes paternalistas (que supõem que os portadores necessitam, exageradamente, de ajuda constante), até piadas, ofensas ou agressões que as humilham, colocando-as em situações de risco (Brasil, 2008, p. 15). O capacitismo nega, sobremaneira, a cidadania e a dignidade deste público ao enfatizar desequilibradamente suas limitações – e não suas potencialidades (Freire, 1987).

Portanto, é fundamental que, principalmente, os estudantes de enfermagem sejam sensibilizados para lidar com tais cenários de forma ética, empática e respeitosa, reconhecendo seus direitos – e os do outro, necessidades, aptidões e talentos. Além disto, faz-se urgente que os próprios alunos com deficiência sejam acolhidos e apoiados no ambiente universitário por meio de recursos de acessibilidade e oportunidades de desenvolvimento pessoal ou profissional. É desta maneira que cria-se uma educação que poderá contribuir, de fato, para a construção de uma sociedade mais justa, libertadora e inclusiva, instigando a valorização da diversidade humana em todas as suas dimensões.

2.4 COMUNICAÇÃO E SINERGIA

Tanto o absenteísmo como a evasão podem ser promovidos pela insatisfação, frustração e desencanto que grupos menos favorecidos em termos de empoderamento sentem em relação ao curso. Isto também ocorre em razão de um feedback desagradável com o corpo docente após contínuas – e ineficientes – tentativas de diálogo e permanência no curso universitário. Aliás, pesquisas demonstram que discentes que tiram notas baixas ou já reprovaram continuamente em disciplinas têm maior propensão a faltar mais e desistir da graduação em enfermagem pela sensação de desvantagem em relação a seus pares (Barboza et al., 2017). Assim, podem sentir menor confiança em suas próprias habilidades acadêmicas (com frequência minadas pela infraestrutura precária) – e mesmo desdenhar a instituição em que estiverem.

2.5 APOIO INSTITUCIONAL E PSICOPEDAGÓGICO NO CONTROLE DE FLUXO

É uma forma de as instituições de ensino superior oferecerem suporte aos estudantes de enfermagem – tanto no âmbito acadêmico quanto no socioemocional – para prevenir e reduzir o absenteísmo e a evasão. Este reforço envolve ações como: o dimensionamento adequado do corpo docente e técnico-administrativo, a disponibilização de recursos didáticos e laboratoriais adequados, a oferta de bolsas de estudo e de auxílios financeiros, realização de atividades de orientação profissional

e de integração curricular, a implementação de programas de acompanhamento e de avaliação pedagógica, criação de espaços de escuta e de acolhimento psicológico, a articulação com os serviços de saúde-comunidade, entre outras (Silva; Lopes; Soares, 2012).

As iniciativas acima podem ter um impacto bastante positivo para o enfrentamento dos desafios que geram o absenteísmo e a evasão entre os futuros enfermeiros, como os já elencados: dificuldades de aprendizagem, a insatisfação com o curso, a falta de motivação, doenças, conflitos interpessoais e problemas socioeconômico. Ademais, essas ações podem favorecer o desenvolvimento de habilidades necessárias ao bom desempenho profissional dos graduandos, como: o raciocínio crítico, a resolução de problemas e a liderança (Barboza et al., 2017).

2.6 IDIOSSINCRASIAS E O QUE NOS UNE

Conforme Silva, Santos e Oliveira (2023), as singularidades podem ser tanto um empecilho quanto um recurso benéfico para o desenvolvimento laboral – dependendo de como são gerenciadas e valoradas. Não obstante, Ferreira, Lima e Gonçalves (2023) destacam que existem neste ambiente elementos comuns que, apesar das divergências, têm o condão de conectar perenemente o staff de enfermagem – como a vocação, a solidariedade e senso de compromisso com a saúde enquanto área do saber. É, precisamente, este o modus operandi a ser estimulado nas instituições de ensino superior.

Em conclusão, aqui sugere-se que é preciso reconhecer e respeitar as diferenças dos constituintes deste setor, sem perder de vista, todavia, o que os motiva e concilia. Também é preciso investir em métodos de aperfeiçoamento pedagógicos que promovam a satisfação, integração, exercício da cidadania e permanência dos enfermeiros no mercado de trabalho que enfrentarão. Desta forma, espera-se reduzir os índices de absenteísmo e evasão, contribuindo, por conseguinte, para a melhoria da qualidade da assistência à saúde.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo de revisão integrativa que tem como finalidade versar sobre os fenômenos do absenteísmo e da evasão durante a graduação em enfermagem no Brasil, propondo, ainda, soluções para tais ocorridos. Pesquisas deste gênero buscam elucidar a questão norteadora do estudo envolvendo, sobremaneira, os materiais relevantes descritos em periódicos, livros, dissertações, teses e outros documentos.

De acordo com Souza, Silva e Carvalho (2010, p. 102) “a revisão integrativa é um método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática”. Assim, o levantamento bibliográfico segue as seguintes etapas: definição da

pergunta norteadora, amostragem ou busca na literatura, categorização dos estudos, avaliação dos artigos inclusos, interpretação dos resultados e apresentação da revisão.

A presente pesquisa obedeceu aos critérios éticos de pesquisa com seres humanos.

3.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA E TRATAMENTO DOS DADOS

Foram utilizados para consulta os buscadores Scientific Electronic Library Online (Scielo), o Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), a Biblioteca Virtual en Salud (BVS), além do Google Scholar. Incluímos, ainda, fontes como registros universitários e pesquisas com estudantes de enfermagem descritas em artigos (informações sobre as experiências institucionais dos alunos).

Utilizamos também dados governamentais sobre o mercado de trabalho desta seara e informações vinculados ao Ministério da Educação. E, para fins de revisão, o presente estudo considerou as publicações contidas no intervalo entre 2004-2024.

Os dados numéricos foram tratados com estatística descritiva (Vieira, 2016)

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A rede privada é composta por instituições que cobram mensalidades fiduciárias dos estudantes, enquanto a rede pública constitui-se de entes que ofertam vagas gratuitas nas instituições de ensino – com a ressalva da manutenção destas por tributos do contribuinte ao Estado. Nestas últimas, o ingresso é, em geral, feito por meio de processos seletivos mais concorridos (tanto pela desoneração financeira como pela reputação que elas ainda carregam). O panorama geral dos setores públicos e privados com o grau comparativo das matrículas respectivas está evidenciado na figura II e III.

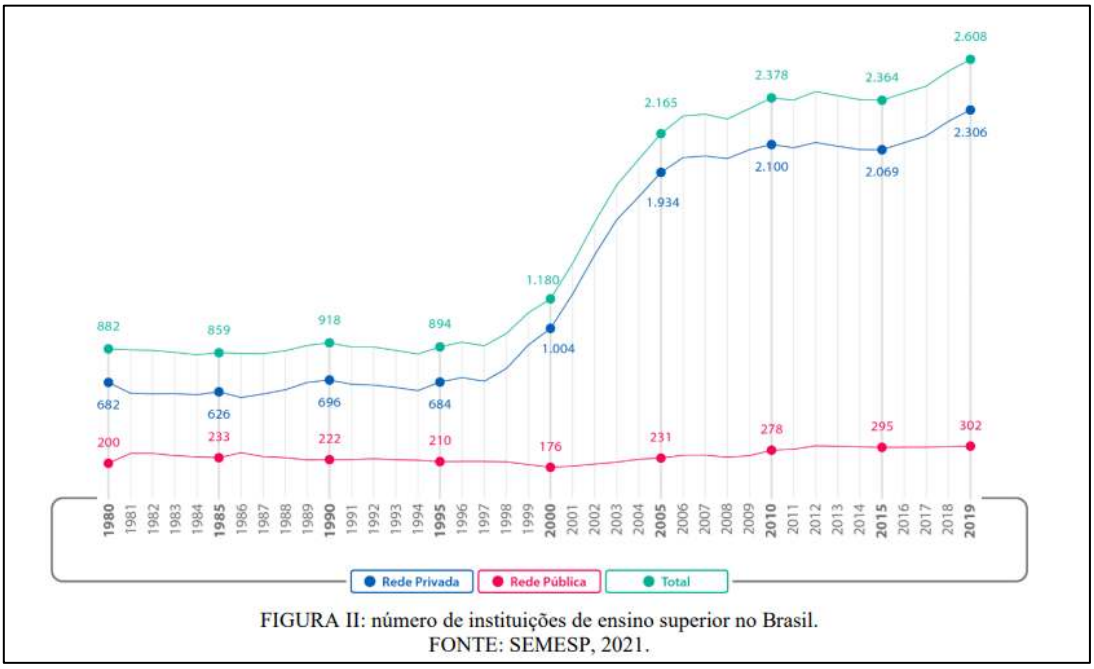


FIGURA II: número de instituições de ensino superior no Brasil.
FONTE: SEMESP, 2021.

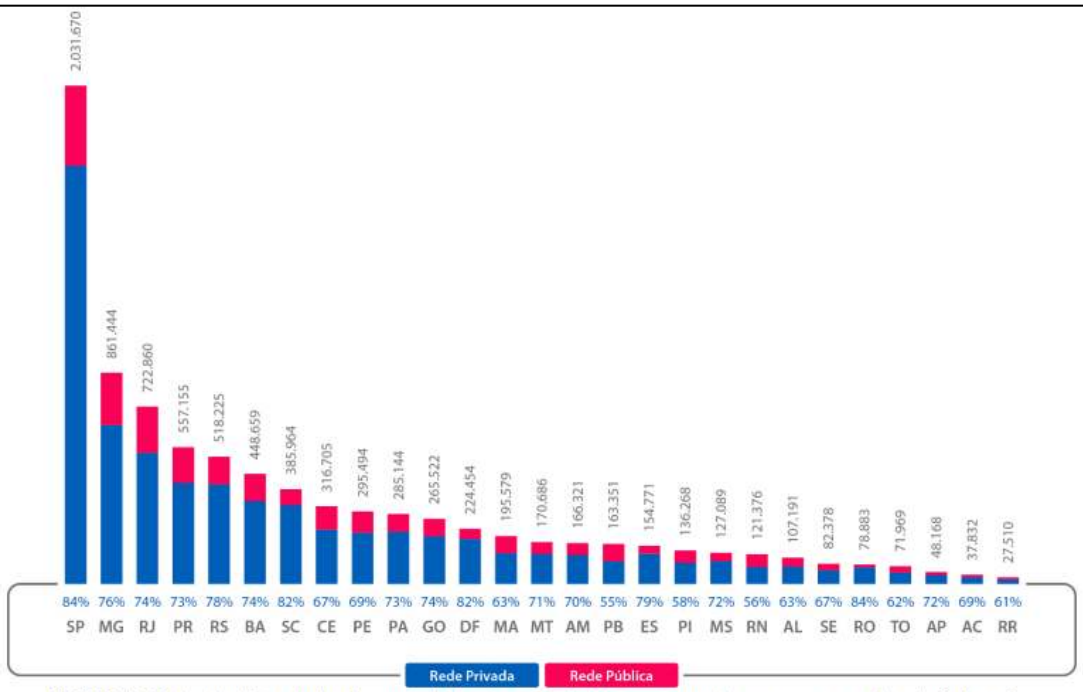


FIGURA III: instituições (privadas ou públicas) e matrículas: comparativo entre os estados da federação.
FONTE: Instituto SEMESP, 2021.

Ressaltamos que a grande área do curso escolhido dos setores respectivos conforme figura IV. Onde a opção pelo setor particular ou público pode afetar o perfil, desempenho e a motivação dos acadêmicos de enfermagem, que varia de acordo com a classe social, a origem escolar, idade, gênero, etc. Em geral, os discentes da rede privada tendem a ser mais velhos, de classes mais baixas, provenientes de escolas públicas e mulheres, enquanto os da rede pública costumam ser mais jovens, de classes mais altas, provenientes de escolas particulares e de ambos os sexos (Oliveira; Ferreira, 2019). Ratificamos que os estudantes de enfermagem da rede pública costumam apresentar resultados acadêmicos mais promissores e evidentes, maior taxa de conclusão e menor índice de evasão do que os da rede privada.

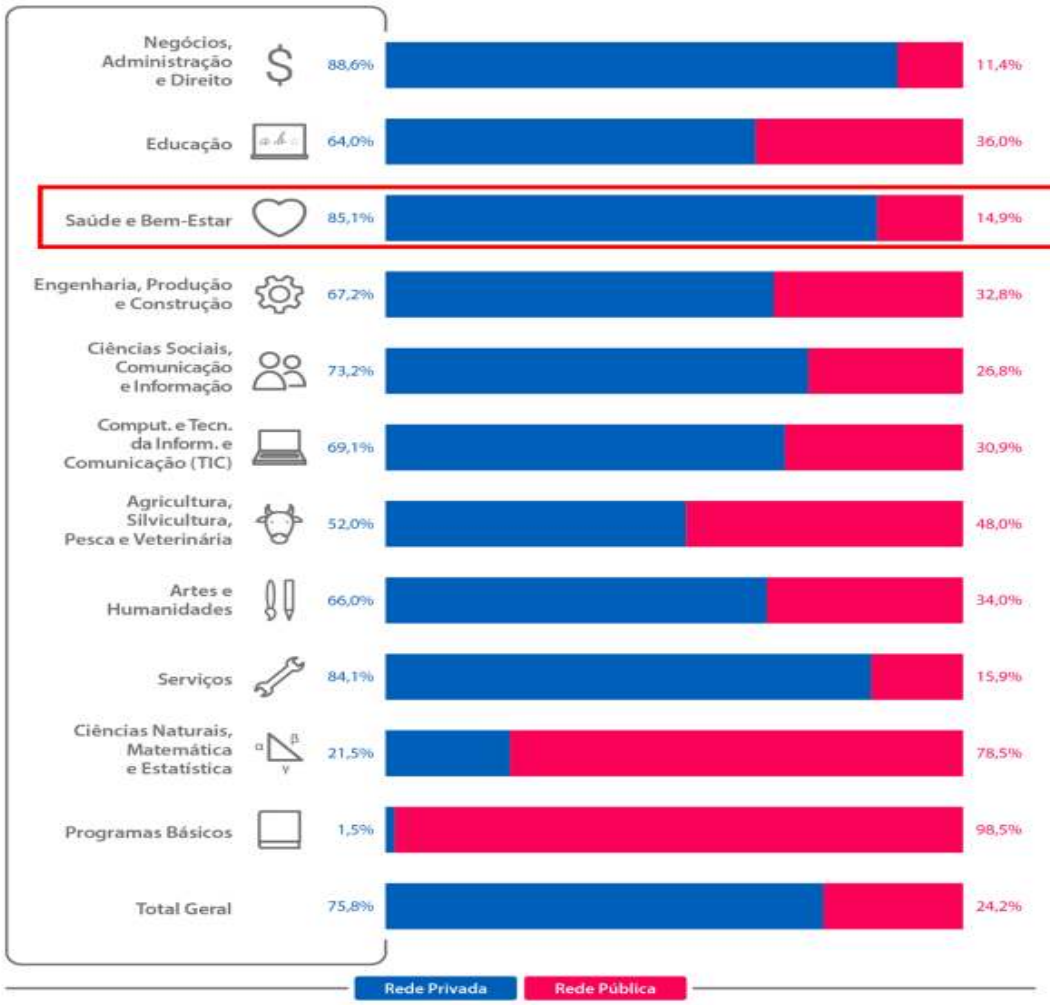


FIGURA IV: matrículas X grande área do curso escolhido.
FONTE: Instituto SEMESP (adaptado), 2021.

O Estado brasileiro prevalece em áreas de base – como ciências naturais, ambientais e matemática –, quase empatando na área de artes e humanidades com o setor privado. Todavia, boa parte dos demais campos do conhecimento – como direito, setor de serviços, informação e bem-estar – são dominados pelas grandes holdings da educação (Brasil, 2021). Neste viés, o ingresso dos menos favorecidos – economicamente ou que sofrem em termos de minorias étnicas – mudou com a ainda recente lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012 – também conhecida como Lei de Cotas (Brasil, 2012), atualizada em 2023. No entanto, esta, sozinha, ainda não garante necessariamente a diplomação deste público mais vulnerável durante os íngremes anos de curso (Silva; Santos, 2020). Não obstante, a grande discrepância entre o número de instituições estatais e particulares no país leva a cogitar, logicamente: se em 2022 tínhamos a 13ª maior carga tributária entre os membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), por que não obtemos resultados coerentes com tal desembolso? Funcionaria aqui a coisa pública para quem, sem acessibilidade? Estariam os direitos fundamentais da Constituição Federal sendo leiloados (Oliveira; Ferreira, 2019) ou apenas ocorre mau uso do erário combinado a sucessivas gestões ímprobas? Resta demonstrado na figura V a taxa de

evasão no ensino superior brasileiro nas redes públicas e privadas. Nas tabelas IV temos o curso de enfermagem dentre os cursos na modalidade presencial e EAD mais procurados no país.

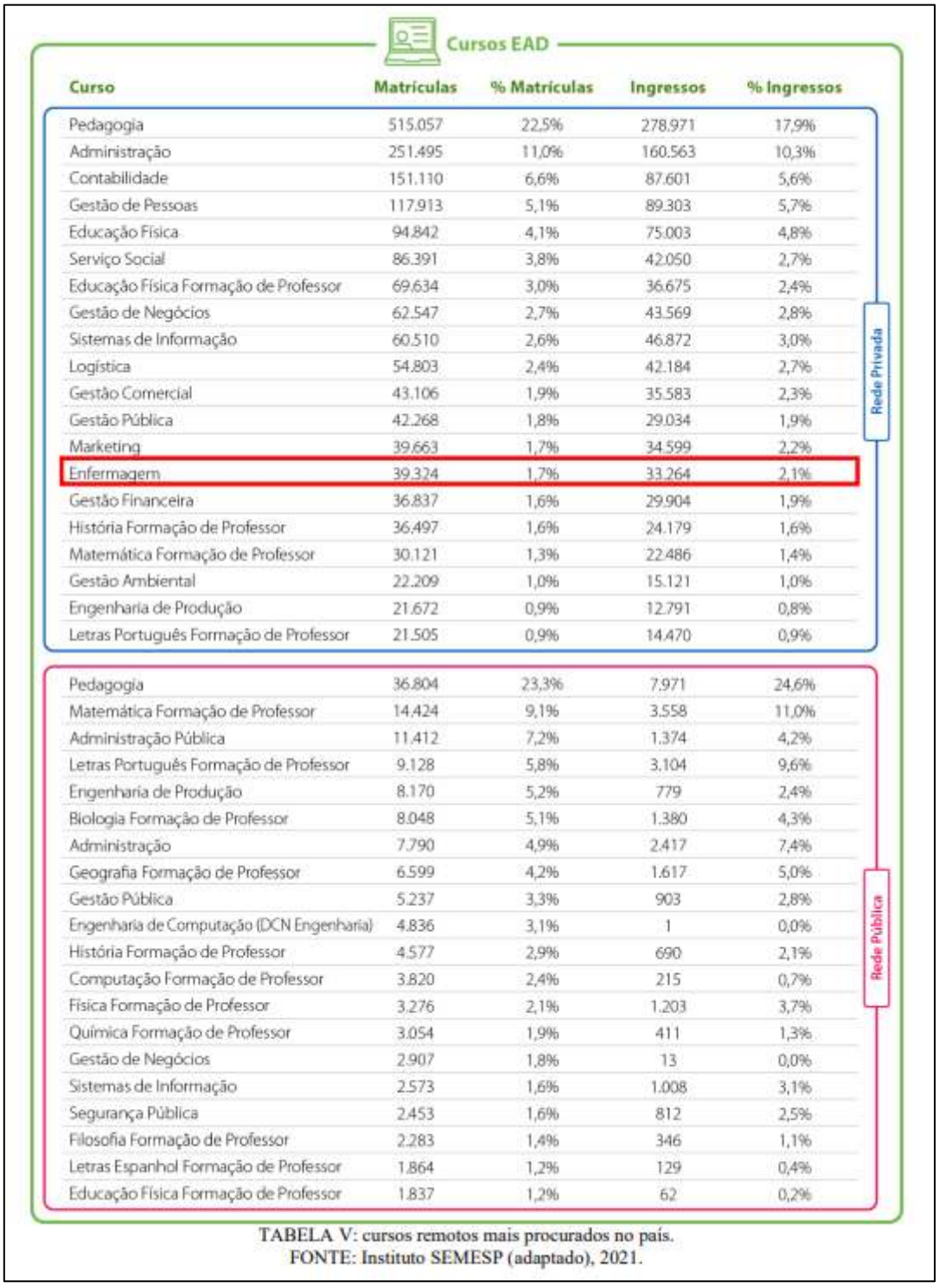


FIGURA V: taxa geral de evasão no ensino superior brasileiro.
FONTE: Instituto SEMESP, 2021.

Cursos Presenciais

Curso	Matrículas	% Matrículas	Ingressos	% Ingressos	
Direito	744.030	17,6%	235.490	15,5%	Rede Privada
Administração	309.643	7,3%	114.641	7,6%	
Enfermagem	251.450	5,9%	96.247	6,4%	
Psicologia	242.595	5,7%	93.110	6,1%	
Engenharia Civil	204.069	4,8%	45.167	3,0%	
Pedagogia	171.289	4,0%	67.851	4,5%	
Contabilidade	162.835	3,8%	56.371	3,7%	
Fisioterapia	155.696	3,7%	54.880	3,6%	
Medicina	125.712	3,0%	34.184	2,3%	
Arquitetura e Urbanismo	124.085	2,9%	31.497	2,1%	
Odontologia	109.931	2,6%	38.122	2,5%	
Educação Física	108.974	2,6%	47.113	3,1%	
Farmácia	108.788	2,6%	37.598	2,5%	
Nutrição	105.834	2,5%	38.762	2,6%	
Medicina Veterinária	84.982	2,0%	31.178	2,1%	
Engenharia de Produção	82.783	2,0%	20.927	1,4%	
Engenharia Mecânica	80.844	1,9%	24.538	1,6%	
Sistemas de Informação	72.969	1,7%	35.392	2,3%	
Biomedicina	69.052	1,6%	31.719	2,1%	
Publicidade e Propaganda	62.792	1,5%	20.854	1,4%	
Pedagogia	92.809	4,8%	23.285	4,4%	Rede Pública
Direito	87.274	4,5%	19.377	3,7%	
Administração	76.849	4,0%	20.382	3,9%	
Medicina	61.998	3,2%	11.949	2,3%	
Agronomia	53.169	2,8%	12.907	2,4%	
Engenharia Civil	51.589	2,7%	11.308	2,1%	
Biologia Formação de Professor	49.061	2,6%	12.743	2,4%	
Sistemas de Informação	48.814	2,5%	17.929	3,4%	
Matemática Formação de Professor	46.221	2,4%	14.867	2,8%	
Contabilidade	43.270	2,3%	10.749	2,0%	
Letras Português Formação de Professor	42.093	2,2%	9.727	1,8%	
História Formação de Professor	36.287	1,9%	9.530	1,8%	
Enfermagem	35.976	1,9%	8.938	1,7%	
Engenharia Mecânica	34.796	1,8%	7.660	1,5%	
Engenharia Elétrica	34.605	1,8%	8.137	1,5%	
Economia	30.460	1,6%	8.441	1,6%	
Educação Física Formação de Professor	30.458	1,6%	7.562	1,4%	
Geografia Formação de Professor	30.454	1,6%	7.963	1,5%	
Química Formação de Professor	29.422	1,5%	9.648	1,8%	
Ciência da Computação	28.886	1,5%	8.255	1,6%	

TABELA IV: cursos presenciais mais procurados no Brasil.
FONTE: Instituto SEMESP (adaptado), 2021.



Cursos EAD

Curso	Matrículas	% Matrículas	Ingressos	% Ingressos	
Pedagogia	515.057	22,5%	278.971	17,9%	Rede Privada
Administração	251.495	11,0%	160.563	10,3%	
Contabilidade	151.110	6,6%	87.601	5,6%	
Gestão de Pessoas	117.913	5,1%	89.303	5,7%	
Educação Física	94.842	4,1%	75.003	4,8%	
Serviço Social	86.391	3,8%	42.050	2,7%	
Educação Física Formação de Professor	69.634	3,0%	36.675	2,4%	
Gestão de Negócios	62.547	2,7%	43.569	2,8%	
Sistemas de Informação	60.510	2,6%	46.872	3,0%	
Logística	54.803	2,4%	42.184	2,7%	
Gestão Comercial	43.106	1,9%	35.583	2,3%	
Gestão Pública	42.268	1,8%	29.034	1,9%	
Marketing	39.663	1,7%	34.599	2,2%	
Enfermagem	39.324	1,7%	33.264	2,1%	
Gestão Financeira	36.837	1,6%	29.904	1,9%	
História Formação de Professor	36.497	1,6%	24.179	1,6%	
Matemática Formação de Professor	30.121	1,3%	22.486	1,4%	
Gestão Ambiental	22.209	1,0%	15.121	1,0%	
Engenharia de Produção	21.672	0,9%	12.791	0,8%	
Letras Português Formação de Professor	21.505	0,9%	14.470	0,9%	
Pedagogia	36.804	23,3%	7.971	24,6%	Rede Pública
Matemática Formação de Professor	14.424	9,1%	3.558	11,0%	
Administração Pública	11.412	7,2%	1.374	4,2%	
Letras Português Formação de Professor	9.128	5,8%	3.104	9,6%	
Engenharia de Produção	8.170	5,2%	779	2,4%	
Biologia Formação de Professor	8.048	5,1%	1.380	4,3%	
Administração	7.790	4,9%	2.417	7,4%	
Geografia Formação de Professor	6.599	4,2%	1.617	5,0%	
Gestão Pública	5.237	3,3%	903	2,8%	
Engenharia de Computação (DCN Engenharia)	4.836	3,1%	1	0,0%	
História Formação de Professor	4.577	2,9%	690	2,1%	
Computação Formação de Professor	3.820	2,4%	215	0,7%	
Física Formação de Professor	3.276	2,1%	1.203	3,7%	
Química Formação de Professor	3.054	1,9%	411	1,3%	
Gestão de Negócios	2.907	1,8%	13	0,0%	
Sistemas de Informação	2.573	1,6%	1.008	3,1%	
Segurança Pública	2.453	1,6%	812	2,5%	
Filosofia Formação de Professor	2.283	1,4%	346	1,1%	
Letras Espanhol Formação de Professor	1.864	1,2%	129	0,4%	
Educação Física Formação de Professor	1.837	1,2%	62	0,2%	

TABELA V: cursos remotos mais procurados no país.
FONTE: Instituto SEMESP (adaptado), 2021.

Atualmente – e apesar dos debates –, existem três modalidades de ensino possíveis para o curso de enfermagem: a presencial, semipresencial (ou flexível) e à distância (EaD). Cada uma delas apresentando lados bons e ruins que devem ser considerados, com parcimônia, na hora de optar por uma delas. Senão, vejamos: A modalidade presencial é a mais tradicional, bem-vista e consiste em frequentar as aulas no campus universitário com a presença e orientação de professores e colegas de turma. As vantagens dela são maior interação social e contato com a realidade profissional, mais acesso aos recursos laboratoriais, supervisão direta dos docentes, maior desenvolvimento de habilidades

técnicas e comportamentais, bem como maior identificação e comprometimento com a enfermagem enquanto profissão (Silva, 2023). Já as desvantagens são maior custo financeiro e exigência de tempo disponível, possíveis contratempos no deslocamento físico, maior rigidez curricular e de horários (às vezes perpassadas por anacronismos), vulnerabilidade a fatores ambientais e organizacionais que, em suma, podem gerar muito estresse, insatisfação, adoecimento e absenteísmo entre todos os integrantes do meio (Santos; Ferreira, 2023). A modalidade semipresencial ou flex, por sua vez, é uma combinação entre a presencial e a remota na qual parte das aulas teóricas é realizada online (por meio de uma plataforma virtual) e parte das aulas práticas e estágios é realizada presencialmente, em laboratórios e atividades de campo. Os lados positivos constituíram-se de maior autonomia de tempo e espaço, ampliação do uso de tecnologias educacionais recentes e diversidade de fontes de informação, mais possibilidades na conciliação com o trabalho e estudo, lembrando ainda do menor custo financeiro (Oliveira, 2023). Há, no entanto, menor interação social e eventual contato com a realidade profissional, elevada responsabilização dos estudantes pelo próprio aprendizado, menor supervisão dos professores, desenvolvimento de habilidades técnicas e comportamentais inferior, além de comprometimento com a profissão reduzido, conforme apontam os estudos (Gonçalves et al., 2023).

Por fim, temos a modalidade EaD – a mais recente. Ocorre por meio da realização de aulas teóricas e práticas remotas por meio de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), com apoio de tutores à distância e de materiais didáticos digitais. Em termos de vantagens e desvantagens, é bastante similar ao método anterior, porém com risco ainda maior de evasão conforme as estatísticas educacionais. Embora no Brasil este recurso esteja em acelerado crescimento, um forte movimento da enfermagem enquanto categoria posiciona-se, peremptoriamente, contra o ensino remoto da profissão. Os argumentos afirmam que a necessidade de práticas presenciais com pacientes e a necessidade de convivência com toda a estrutura que circunda as redes de saúde – para fins de habilitação técnica – tornariam inviável o ensino à distância. Segundo entidades como o COFEN (2020) e o Ministério da Educação (Brasil, 2023), a distância comprometeria a qualidade da assistência prestada e até a biossegurança dos envolvidos no processo de cuidar. A classe social ou renda dos educandos pode ter uma influência salutar na desistência ou não do curso, afetando o acesso, desempenho e a motivação para concluir a graduação em enfermagem. O ingresso pode ser dificultado pelas barreiras econômicas e culturais que as classes mais baixas enfrentam para ingressar no ensino superior (Silva, 2023).

O percentual de alunos inscritos no ensino superior, relacionados a classe social conforme demonstrado na figura VI. Já o desempenho pode ser prejudicado pelas condições materiais e psicossociais vivenciadas, tais como vulnerabilidade à falta de recursos didáticos e humanos, necessidade de trabalhar para subsistência, abandono afetivo, presença da violência, poluição sonora ou ambiental em territórios perigosos, manifestações de bullying na universidade, assim como, também, a discriminação (Santos; Ferreira, 2023).

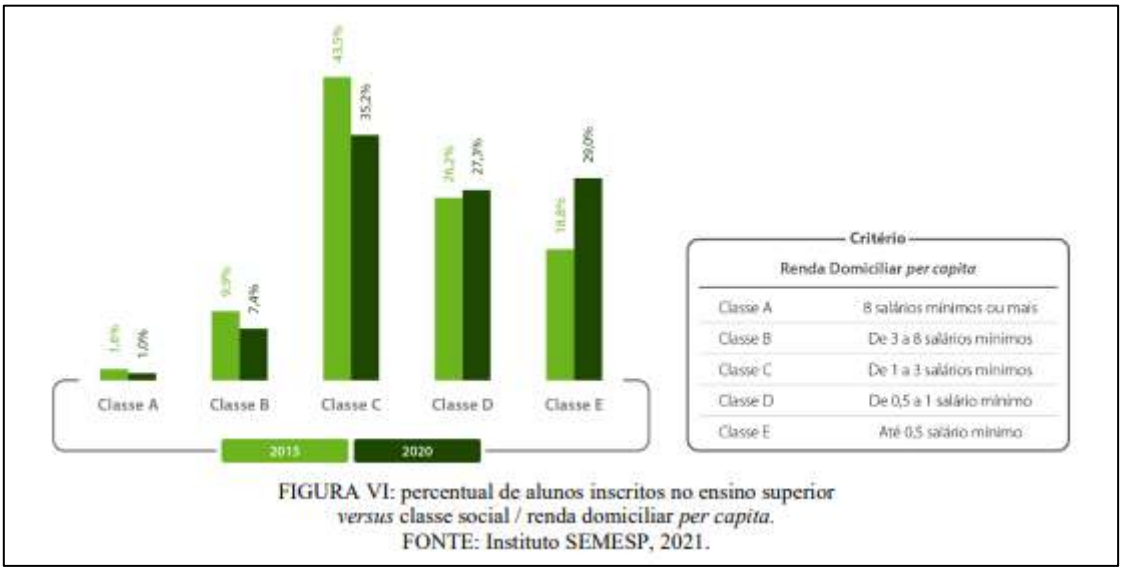


FIGURA VI: percentual de alunos inscritos no ensino superior *versus* classe social / renda domiciliar *per capita*.
FONTE: Instituto SEMESP, 2021.

Logo, a boa disposição aos estudos pode ser afetada pela percepção dos acadêmicos mais humildes sobre a sua própria identidade, autoimagem e estima, suas expectativas relativas ao projeto de vida planejado e a manutenção da assertividade com relação à profissão vindoura. A figura VI reflete o número de empregados relacionados ao nível de escolaridade. Nestas circunstâncias, a diplomação em enfermagem pode ser favorecida pelo desenvolvimento da resiliência, pertencimento identitário e fortalecimento das redes de apoio que tal público tanto necessita para superar as adversidades (Oliveira, 2023).

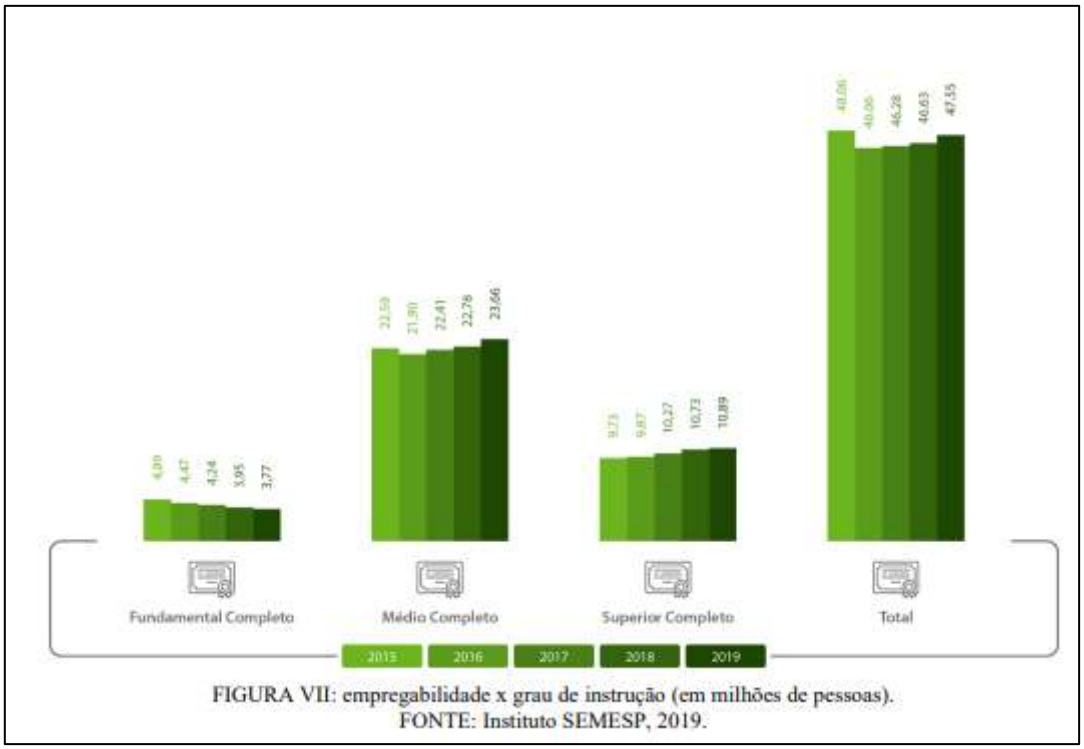


FIGURA VII: empregabilidade x grau de instrução (em milhões de pessoas).
FONTE: Instituto SEMESP, 2019.

O grau de qualificação profissional, o salário e as expectativas do discente em relação à carreira na enfermagem podem influir em seu absenteísmo, evasão ou permanência no curso de graduação de

diferentes formas. Segundo alguns estudos, tais precedentes estariam relacionados ao estímulo, comprometimento e ao fato de o graduando reconhecer-se – autoralmente – no serviço que desenvolve, de forma tal que estes itens podem ser decisivos na opção de continuar ou abandonar a carreira. Assim, a empregabilidade se refere à capacidade de obter e manter uma ocupação na área de formação – que depende tanto das condições do mercado de trabalho quanto das competências do trabalhador. A enfermagem é, em si, um campo que apresenta alta demanda no país, fato que pode atrair muitos estudantes para o curso (Fernandes, 2022). No entanto, a atratividade do emprego também envolve aspectos como a participação efetiva nas decisões e desenvolvimento da autonomia – nem sempre garantidas aos enfermeiros (Bridi; Machado; Lima, 2015). Além disto, ela pode ser afetada por fatores como a concorrência, precarização, sobrecarga e a insalubridade das condições laborais, que geram estresse e desgaste (tanto entre graduandos como em profissionais já formados). Outro elemento a ser analisado é a remuneração, uma vez que o salário é importante para garantir a subsistência, a qualidade de vida e a realização pessoal do trabalhador – podendo, outrossim, ser visto como um indicador de prestígio, status e poder. No Brasil, a receita da categoria ainda varia de acordo com a experiência, nível de especialização, região geográfica, setor de alocação e o tipo de vínculo empregatício, embora, recentemente, tenha ocorrido o sancionamento da lei nº 14.434/2022, que assegura o piso salarial nacional e a jornada de 30 horas semanais (Brasil, 2022). Em geral, o ordenado dos enfermeiros (R$ 4.750,00) é superior ao dos técnicos (R$ 3.325,00) e auxiliares de enfermagem (R$ 2.375,00) – e, contudo, inferior ao dos médicos e de outras profissões da saúde. Esta remuneração, sabidamente, pode induzir à escolha e permanência dos acadêmicos no curso de enfermagem, pois reflete uma – porém não única – de suas principais expectativas de valorização profissional.

No tocante às estratégias de aperfeiçoamento voltadas ao ensino superior, aspira-se que os apontamentos desta revisão, plausivelmente, demonstrem que a redução de carga horária laboral pode, sim, favorecer a diminuição de faltas e desistências, gerando maior produtividade, permanência e satisfação. Além disto, tal ação permite que os estudantes façam melhor e racional uso do tempo – usando-o para descansar ou para dedicá-lo à família e aos estudos. Recarregados, voltariam à labuta com nova motivação, embora a ociosidade demasiada outrossim deva ser evitada.

Os resultados da análise dos dados quantitativos mostraram, ainda, que o absenteísmo de estudantes de graduação em enfermagem faz-se um obstáculo significativo, de forma que as ausências justificadas representam a maioria dos casos de absenteísmo (os problemas de saúde são o motivo mais comum). As injustificadas, por sua vez, representam uma proporção menor dos casos, sendo que a insatisfação com os estudos, a falta de oportunidades de desenvolvimento profissional e as condições de estudo inadequadas são as alegações mais recorrentes.

A evasão de estudantes de graduação em enfermagem também é um obstáculo que não deve ser ignorado. Ela é mais alta entre os estudantes com menos de dois anos de curso e que estudam à noite, especialmente entre mulheres negras.

5 CONCLUSÃO

Neste estudo, buscou-se analisar as causas, consequências e estratégias de aperfeiçoamento voltadas ao ensino superior, com o objetivo de enfrentar os desafios relacionados ao absenteísmo e à evasão no curso de enfermagem. A partir da revisão de literatura e da análise de dados, identificou-se que tais fenômenos estão associados a uma variedade de fatores, que podem atuar de forma isolada ou combinada.

Nesse contexto, torna-se imperativo implementar estratégias de aprimoramento direcionadas ao ensino superior, visando à prevenção, redução ou eliminação do absenteísmo e da evasão no curso. Para tanto, destacam-se propostas como a melhoria das condições de trabalho e estudo, garantindo infraestrutura adequada, recursos materiais e humanos suficientes, além de condições de segurança, higiene, conforto e ergonomia que favoreçam o desempenho e o bem-estar dos profissionais da educação e dos estudantes.

Também se propõe a valorização e reconhecimento do trabalho e do estudo na enfermagem, por meio de remuneração justa, benefícios, incentivos, oportunidades de carreira, bolsas, auxílios e sistemas de feedback que estimulem a motivação, satisfação e autoestima dos profissionais e acadêmicos. Ademais, é importante adequar a carga horária e a distribuição das atividades, respeitando os limites e necessidades dos envolvidos, e incentivar a comunicação, cooperação e integração entre o corpo estudantil.

Essas ações visam criar espaços de diálogo, troca de experiências, participação e colaboração, fortalecendo os vínculos e promovendo a harmonia e o senso de equipe. Além disso, é fundamental prevenir e tratar doenças físicas e mentais, proporcionando assistência, orientação e acompanhamento adequados, bem como desenvolver ações informativas e formativas para os estudantes, especialmente os iniciantes, abordando temas essenciais para sua preparação e qualificação contínua.

Inovar e diversificar as metodologias de ensino e aprendizagem, utilizando recursos tecnológicos e pedagógicos que favoreçam a interação e a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos, também se mostra necessário. Por fim, adotar uma abordagem personalizada e adaptativa, que considere as características e necessidades individuais dos discentes, é essencial para atender, respeitar e valorizar a diversidade e a singularidade humana.

Essas estratégias, contudo, exigem o envolvimento e comprometimento de todos os atores do processo de ensino-aprendizagem, além de um planejamento cuidadoso, organização, execução, monitoramento e avaliação frequente para garantir a eficácia das ações implementadas. Conclui-se,

portanto, que o absenteísmo e a evasão na enfermagem são questões complexas e multifatoriais, demandando uma abordagem sistêmica, integrada e participativa, visando à melhoria contínua do curso e ao desempenho eficaz dos profissionais e estudantes.

REFERÊNCIAS

BACAN, A.; MARTINS, G. H.; SANTOS, A. A. A. Adaptação ao ensino superior, estratégias de aprendizagem e motivação de alunos Ead. Psicologia: Ciência E Profissão, V. 40, P. E211509, 2020.

BARBOZA, M. C. N. Et Al. Absenteísmo na enfermagem: uma revisão integrativa. Revista De Atenção À Saúde, V. 15, N. 53, P. 1-8, 2017.

BARBOZA, M. C. N. Et Al. Absenteísmo na enfermagem: uma revisão integrativa. Revista Gaúcha De Enfermagem, Porto Alegre, V. 31, N. 1, P. 167-174, Mar. 2010.

BERGOGLIO, J. M. Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e a amizade social. Cidade Do Vaticano: 2020. Disponível Em: Https://Www.Vatican.Va/Content/Francesco/Pt/Encyclicals/Documents/Papa-Francesco_20201003_Enciclica-Fratelli-Tutti.Html. Acesso Em: 11 Dez. 2023.

BRASIL. Lei Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial Da União, Brasília, Df, 30 Ago. 2012. Disponível Em: Https://Www.Planalto.Gov.Br/Ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.Htm. Acesso Em: 11 Dez. 2023.

BRASIL. Lei Nº 14.434, de 4 de agosto de 2022. altera a lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, para instituir o piso salarial nacional do enfermeiro, do técnico de enfermagem, do auxiliar de enfermagem e da parteira. Diário Oficial Da União, Brasília, Df, 5 Ago. 2022. Seção 1, P. 1. Disponível Em: Https://Www.Planalto.Gov.Br/Ccivil_03/_Ato2019-2022/2022/Lei/L14434.Htm. Acesso Em: 14 Dez. 2023.

BRASIL. Ministério Da Educação. Censo da educação superior 2020. Brasília: MEC, 2021.

BRASIL. Ministério Da Educação. Conselho nacional de educação. Câmara de educação superior. Resolução cne/ces nº 3, de 23 de junho de 2014. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais Do Curso De Graduação Em Enfermagem. Brasília, Df, 2014.

BRASIL. Ministério Da Educação. Política Nacional De Educação Especial Na Perspectiva Da Educação Inclusiva. Brasília, 2008. Disponível Em: Http://Portal.Mec.Gov.Br/Seesp/Arquivos/Pdf/Politica.Pdf. Acesso Em: 14 Dez. 2023.

BRASIL. Portaria Nº 2041, de 29 de novembro de 2023. Sobrestamento de processos de autorização de cursos superiores e de credenciamento de instituições de educação superior na modalidade a distância – ead alcançados pelo disposto nesta portaria. Diário Oficial Da União, Brasília, Df, 30 Nov. 2023. Seção 1, P. 38. Disponível Em: Https://Www.In.Gov.Br/En/Web/Dou/-/Portaria-N-2.041-De-29-De-Novembro-De-2023-526999927. Acesso Em: 14 Dez. 2023.

BRIDI, M. A.; MACHADO, A. L.; LIMA, M. A. D. S. Empregabilidade na enfermagem: revisão integrativa da literatura. Revista Brasileira De Enfermagem, Brasília, V. 68, N. 1, P. 144-152, Jan./Fev. 2015.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Nota de posicionamento do cofen sobre o ensino remoto na graduação em enfermagem. Brasília, Df, 14 Jul. 2020. Disponível Em: Https://Biblioteca.Cofen.Gov.Br/Wp-Content/Uploads/2021/04/Estrategias-Desafios-Ensino-Remoto-Enfermagem.Pdf. Acesso Em: 11 Dez. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Perfil da enfermagem no brasil: pesquisa 2022. Brasília: Cofen, 2022.

FERNANDES, M. Enfermagem no mercado de trabalho: qual a realidade atualmente? Unicesumar, 2022. Disponível Em: Https://Www.Unicesumar.Edu.Br/Blog/Enfermagem-No-Mercado-De-Trabalho/. Acesso Em: 14 Dez. 2023.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio De Janeiro: Paz E Terra, 1987.

GOLDANI, A. M. Desafios do "Preconceito Etário" no Brasil. Educação E Sociedade, Campinas, V. 31, N. 111, P. 449-464, Jun. 2010.

GOMES, L. F. Capacitismo: o preconceito contra pessoas com deficiência. Folha De S.Paulo, São Paulo, 3 Dez. 2019. Disponível Em: Https://Www1.Folha.Uol.Com.Br/Colunas/Luiz-Flavio-Gomes/2019/12/Capacitismo-O-Preconceito-Contra-Pessoas-Com-Deficiencia.Shtml. Acesso Em: 14 Dez. 2023.

GONÇALVES, I. J. et al. A Modalidade Semipresencial Na Enfermagem: Limitações E Desafios. Educação E Saúde, V. 21, N. 4, P. 78-84, 2023.

MONTEIRO et al. Pobreza Menstrual no Brasil: Desigualdades e Violações de direitos. Brasília: Unicef; Unfpa, 2021. Disponível Em: Https://Www.Unicef.Org/Brazil/Media/14456/File/Dignidade-Menstrual_Relatorio-Unicef-Unfpa_Maio2021.Pdf. Acesso Em: 11 Dez. 2023.

OLIVEIRA, A. M.; FERREIRA, J. P. Educação superior no brasil: público e privado. São Paulo: Cortez, 2019.

OLIVEIRA, G. H. A modalidade semipresencial na enfermagem: benefícios e oportunidades. Cadernos De Saúde Pública, V. 29, N. 3, P. 56-62, 2023.

OLIVEIRA, G. H. Classe social, renda, escolaridade e desigualdade de saúde no brasil. Dissertação (Mestrado Em Saúde Coletiva) - Universidade Federal De Juiz De Fora, Juiz De Fora, 2023.

PESSOA, F. Livro do desassossego. Lisboa: Ática, 1934.

PESSOA, F. Mensagem. 2. Ed. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1934.

RODRIGUES, M. A. Et Al. Determinantes do absenteísmo e evasão nos cursos de enfermagem de uma universidade pública. Rev. Bras. Enferm., Brasília, V. 73, N. 5, P. 1093-1099, 2020.

SANTOS, C. D.; FERREIRA, E. F. A modalidade presencial na enfermagem: desvantagens e dificuldades. Enfermagem Em Foco, V. 14, N. 2, P. 34-40, 2023.

SANTOS, C. D.; FERREIRA, E. F. Enfermagem como prática social: um exercício de reflexão. Revista Brasileira De Enfermagem, V. 61, N. 6, P. 34-40, 2023.

SANTOS, M. R. Et Al. Evasão e absenteísmo na enfermagem: uma revisão integrativa. Rev. Bras. Enferm., Brasília, V. 75, N. 3, P. E20220063, 2022.

SILVA, A. B. A modalidade presencial na enfermagem: vantagens e desafios. Revista Brasileira De Enfermagem, V. 76, N. 1, P. 12-18, 2023.

SILVA, A. B. Educação em saúde: por quem e para quem? A visão de estudantes de graduação em enfermagem. Revista Brasileira De Enfermagem, V. 76, N. 1, P. 12-18, 2023.

SILVA, A. L. C. K.; LIMA, M. A. D. S. Absenteísmo na enfermagem: uma revisão integrativa. Revista Gaúcha De Enfermagem, Porto Alegre, V. 31, N. 1, P. 167-174, Mar. 2010.